



## É ESTE O ADULTO QUE A FORMAÇÃO DO CNE PREPARA?

O apoio dos adultos requer três aspectos que correspondem aos três papéis diferentes que um adulto precisa de desenvolver numa unidade:

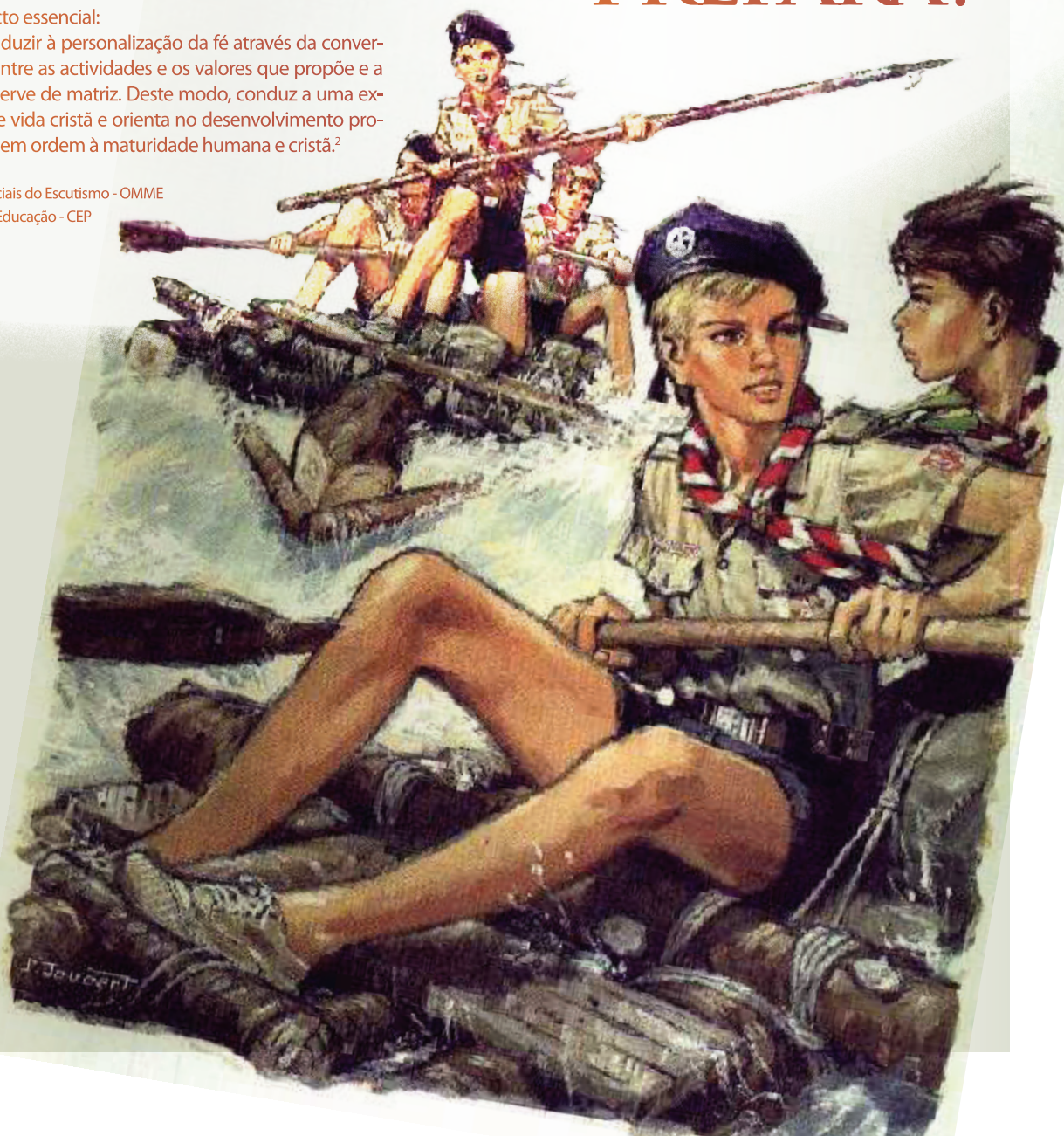
- *Chefe de actividade:* assegura que cada actividade levada a cabo pelo grupo atinge os seus objectivos com sucesso.
- *Educador:* apoia directamente o processo de auto-educação e assegura que as experiências vividas têm um impacto positivo no desenvolvimento dos conhecimentos, competências ou atitudes dos jovens.
- *Facilitador do grupo:* com base na parceria voluntária entre adultos e jovens, deve garantir que as relações dentro do grupo são positivas e enriquecedoras para todos, e que o grupo proporciona um ambiente atractivo e de apoio para o crescimento contínuo do grupo como um todo.<sup>1</sup>

Há ainda outro aspecto essencial:

- *Evangelizador:* conduzir à personalização da fé através da convergência profunda entre as actividades e os valores que propõe e a fé cristã que lhes serve de matriz. Deste modo, conduz a uma experiência pessoal e vida cristã e orienta no desenvolvimento progressivo e integral em ordem à maturidade humana e cristã.<sup>2</sup>

(1) As características essenciais do Escutismo - OMME

(2) O Escutismo, Escola de Educação - CEP





## Editorial “Ah, é o Senhor!”

Carlos Nobre  
Castor inteligente

Comunicar! dialogar! conversar! partilhar!... talvez seja este o grande segredo da humanidade. Provavelmente esta é uma das matrizes intrínsecas da nossa espécie, uma das suas características mais visíveis e uma das várias formas de nos definirmos ao nível global.

Todas as nossas experiências, todo o nosso conhecimento, mesmo o acumulado e transmitido de geração em geração, todo o património reflexivo de que somos autores ou protagonistas, todas as práticas e ensaios que fazemos, mesmo os mais banais, são sempre objeto da incontornável realidade do nosso ser. E, o que é extraordinário, é que não descansamos enquanto não o pomos em comum com os demais.

Este desejo profundo, inscrito indelevelmente em cada um de nós, leva-nos a desejar poder conviver, poder dialogar, poder ter a oportunidade de conversar ou mesmo poder simplesmente estar com alguém que, por esta ou aquela razão, é uma pessoa relevante, marcante, singular, única, original, alguém a quem procuramos imitar e seguir. Esse alguém podemos pensar que é um ídolo, alguém famoso ou ilustre, alguém notável ou célebre. Contudo, tal não se mostra fácil e geralmente é empresa mesmo inacessível. O que é normal, o que é realmente enriquecedor, o que se manifesta relevante é que aquele ou aquela que é nosso interlocutor, que é para mim importante, notável e insigne nos presenteie com igual vontade de comunicar e de se dar a conhecer, na sua imensa imanência, na aventura do seu viver e na sua acessibilidade. Todos somos “revelação” para quem quiser descobrir...

Tem então sentido perguntar porquê? E por quê este desejo, esta necessidade (como que inata) de comunicar? E, tem igualmente sentido procurar perceber, com todo o nosso entendimento, que comunicar é um ato que nos expõe, que vence as nossas guardas, uma vez que nos abre ao outro e permite que o outro “entre” dentro de nós. Então, se quisermos ser verdadeiros connosco mesmos e se, em verdade nos quisermos interrogar porquê, percebemos que afinal esta necessidade não é mais do que uma centelha do Criador inscrita em nós, como que uma porta ou uma janela (o que procede de cada um) pela qual Deus nos ilumina e dialoga connosco.

Então, de repente, o outro apresenta-se-nos como o “ganz andere”<sup>1</sup> (o Totalmente Outro)!

Todavia, tudo o que sabemos de Deus é por Jesus Cristo. E... tudo o resto é fabricação humana! A teologia, a filosofia, a ciência, etc, são sumamente importantes porque acrescentam conhecimento ao nosso “conhecimento” de Deus e dão-nos instrumentos que nos capacitam para o tal diálogo, necessidade imanente para sermos o que somos, isto é, para nos percebermos e nos reconhecermos filhos do mesmo Pai, unidos no seu Filho.

Como gostaríamos poder ter convívio com Jesus! Como desejaríamos ter sido um dos seus apóstolos ou uma daquelas mulheres que O acompanhavam! Quanto não daríamos para ter tido a oportunidade de conversar com Jesus, ouvir as suas explicações sobre as parábolas com que ensinava o povo e sobre os ensinamentos que incansavelmente fazia, ou simplesmente “estar” com Ele.

Uma ocasião, ao amanhecer, já depois de ter ressuscitado, Jesus deu instruções aos seus discípulos, no mar de Tiberíades, como haviam de pescar. E, “aquele discípulo que Jesus amava disse então a Pedro: «É o Senhor!» (...) Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: «Quem és Tu?», porque sabiam que era o Senhor.”<sup>2</sup>

O nosso Deus não é inacessível, nem distante, nem ausente. Por isso, em cada Eucaristia, como prometeu, Ele está disponível para dialogar connosco, e nos preencher em conhecimento e felicidade. O que é necessário é que, perante aquela hóstia, confessemos com fé, como disse João a Pedro: “Ah, é o Senhor!”

Precisamos ainda de mais teofanias? Ou precisamos apenas de baixar as nossas guardas, as couraças da indiferença e permitir que o diálogo aconteça... por Cristo, em Cristo, com Cristo!

(1) Mircea Eliade, in *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões* – Coleção Vida e Cultura, Edição Livros do Brasil Lisboa - nº 62, citando Rudolf Otto do livro *Das Heilige*  
(2) Jo 21, 7 e seguintes





"Para que o caráter de um ser humano revele qualidades verdadeiramente excepcionais, é preciso ter a sorte de poder observar os seus atos durante muitos anos. Se esses atos forem desprovidos de todo o egoísmo, se o ideal que os conduz resulta de uma generosidade sem par, se for absolutamente certo que não procuram recompensa alguma e se, além disso, ainda deixam no mundo marcas visíveis, estamos então, sem sombra de dúvida, perante um caráter inesquecível."

Jean Giono, in "O Homem que Plantava Árvores"

SE NÃO TE ENVOLVERES, ÉS O PRIMEIRO A EXCLUIR-TE!

PORQUE NÃO INICIAR TAMBÉM A CELEBRAÇÃO DOS 90 ANOS DO CNE COM A REALIZAÇÃO DO ENFORMA COM A MAIOR PARTICIPAÇÃO DE SEMPRE?

ACEITA A BRINCADEIRA E, PRINCIPALMENTE, O DESAFIO A PARTICIPAR!

# Enforma

27 e 28 de Outubro de 2012

Vila Nova de Milfontes – Região de Beja

Inscrições: até 15 de setembro

PARTICIPA NESTE  
ENFORMA E PODES  
TORNAR-TE CDF\*,  
MAIS E MELHOR CDF\*!

CDF\*

\* COMPROMETIDO, CRIATIVO, CAPAZ, COERENTE, DEDICADO, DESTOJADO, DIÁLOGANTE, DISPONÍVEL, FIRME, FELIZ, FORMADOR DE ADULTOS!





## Depoimentos de Formadores

# Desenvolver implica envolver

Matilde Santos  
Mocho paciente

Como todos devem saber, ou talvez não, o Parlamento Europeu aprovou 2012 como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações.

*"Viver mais tempo implica envelhecer. Maior longevidade não é um fatalismo ou uma ameaça. É uma vitória da humanidade e uma oportunidade de potenciar o "património imaterial" que significa o contributo das pessoas mais velhas. O envelhecimento activo pode significar para as pessoas mais velhas a oportunidade de continuarem a trabalhar e partilharem as suas experiências, de continuarem a desempenhar um papel activo na sociedade e de viverem as suas vidas de maneira saudável, independente e preenchida. O objetivo global do Ano Europeu é facilitar a criação de uma cultura de envelhecimento ativo na Europa, baseada numa sociedade para todas as idades."*<sup>1</sup>

Esta decisão do Parlamento Europeu quer, com toda a certeza, dar respostas e soluções a uma realidade premente e pertinente que vivemos há já algum tempo: tudo o que é ou está velho deita-se fora, até as pessoas.

Se estivermos atentos, somos confrontados diariamente, e sob as mais diversas formas, com acções e situações de exclusão e de isolamento dos mais velhos, e que culminam no abandono e na morte de pessoas na mais completa solidão.

E no Corpo Nacional de Escutas será que se põe esta problemática da exclusão? E, enquanto Escuteiros e Dirigentes, individualmente, conhecemos, testemunhamos ou participamos de qualquer forma de exclusão? Por exclusão entende-se *"acto de afastar, de banir alguém do seio de um grupo"* ou *"rejeição ou afastamento de uma pessoa ou grupo de pessoas que não se adequam aos padrões sociais estabelecidos"*.<sup>2</sup>

Não pretendo com esta breve reflexão criar um drama; no entanto, não podemos fazer de conta que problemas como este não existem no nosso seio. O CNE, enquanto associação e movimento, e integrada num conjunto de documentos de posicionamento institucional e pedagógico, deixou bem clara a sua posição relativamente à inclusão social.<sup>3</sup>

Coloco a questão no âmbito da formação e na comunidade de Formadores enquanto sentinelas do futuro, isto é, junto daqueles que, embora de forma não exclusiva, lhes cabe a missão de ir um passo adiante no conhecimento da realidade e das diversas realidades e na procura de respostas e soluções para essas mesmas realidades. Cabe-nos, em grande percentagem, formar os Adultos que educam as crianças e jovens que querem ser Escuteiros. E formar Adultos vai, tem de ir, muito mais além do que a mera transmissão de alguns conceitos e algumas técnicas de forma empírica. Se fazemos da formação um activismo febril, questões como a exclusão passam simplesmente ao lado, pois não há espaço nem para as pessoas nem para um trabalho de profundidade.

A exclusão pode ser imposta pelo próprio ou por terceiros. Sempre que alguém não se mantém fiel à Lei do Escuta, ou não investe na sua formação pessoal e de dirigente, ou não assume a missão de educador e evangelizador

através do escutismo... esse alguém está a promover a sua autoexclusão. É um colocar-se à parte de um projecto, de uma missão, de uma comunidade. A exclusão imposta por terceiros toma múltiplas formas: ou porque é velho, ou porque pensa de forma diferente, ou porque se considera não estar actualizado, ou porque tem capacidades que outros não têm, ou porque... sob formas mascaradas ou explícitas, o que é certo é que a exclusão também se faz sentir cá dentro.

Acontece que, em muitos casos, a exclusão é justificada em nome de mudanças e inovações, em nome do desenvolvimento. No entanto, se atentarmos na origem da palavra desenvolvimento verificamos que esta radica na palavra envolvimento – des(envolvimento). Atenção: falámos de desenvolvimento (humano), e não de crescimento (económico). Quando se trata de desenvolvimento o primado é da qualidade face à quantidade, do modo de vida face ao nível de vida, da integralidade face ao produtivismo. Logo, falar de desenvolvimento e promover a exclusão é, simplesmente, contraditório.

A Doutrina Social da Igreja indica-nos o caminho a seguir através de alguns princípios. O primeiro de entre eles é o **princípio da dignidade e da centralidade da pessoa humana**.

*"O ser humano tem dignidade de pessoa desde a concepção até à sua morte."*<sup>4</sup>

*"A dignidade da pessoa humana é um valor transcendente."*<sup>5</sup>

*"Cada ser humano é pessoa, isto é, natureza dotada de inteligência e de vontade livre, possuindo direitos e deveres (...) universais, invioláveis e inalienáveis."*<sup>6</sup>

*"Só na liberdade é que o homem se pode converter ao bem."*<sup>7</sup>

É curioso que o Parlamento Europeu coloque a tónica não só no envelhecimento activo, mas também na solidariedade entre gerações. Mais uma vez vejamos o que nos diz a Doutrina Social da Igreja sobre o **princípio da solidariedade** bem como sobre o **princípio da participação**.

*"A solidariedade não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos."*<sup>8</sup>

*"A participação é o empenhamento voluntário e generoso da pessoa nas permutas sociais (...) Este é um dever-direito inerente à dignidade da pessoa humana."*<sup>9</sup>

Todos estes valores manifestam:

- A prioridade da ética sobre a técnica
- O primado da pessoa sobre as coisas
- A superioridade do espírito sobre a matéria <sup>10</sup>







Voltando à nossa realidade de associação e de movimento... se quisermos promover o desenvolvimento teremos de promover o envolvimento de todas as pessoas, e não a sua exclusão. Caminho bem mais trabalhoso, bem mais demorado, mas muito mais consistente.

Há pouco tempo, ao consultar o Livro do Visionário, "caiu-me" nas mãos um texto de autor anónimo que conta a história de um pirilampo e de uma cobra. Esta linguagem simbólica ajuda-nos a compreender e a reter melhor a ideia que se quer transmitir.

*"Era uma vez uma cobra que começou a perseguir um pirilampo que vivia a brilhar. Ele fugia rápido e com medo da feroz predadora mas a cobra não desistia. Fugiu um dia e ela não desistia, dois dias e nada... No terceiro dia, já sem forças o pirilampo parou e disse à cobra: «Posso fazer três perguntas?», «Não costumo abrir esse precedente para ninguém mas já que te vou comer, podes perguntar.», «Pertences à sua cadeia alimentar?», «Não.», «Fiz-te alguma coisa?», «Não.», «Então por que é que tu me queres comer?», «Porque não suporto o teu brilho.»*

Todos nós podemos ser pirilampas; basta-nos acender ou manter acesa essa luz interior que, por mais pequenina que seja, se pode tornar farol para os outros. Esta luz, porque vem de dentro, porque vem do fundo, ofusca qualquer brilho exterior. Se a deixarmos apagar, ou se nunca tivermos tido a ousadia de a acender, dificilmente aceitaremos a luz que possa emanar dos outros, e então corremos sérios riscos de vestirmos a pele da cobra.

(1) cf. <http://ec.europa.eu/social/eyJ2012.jsp?langId=en>

(2) cf. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa

(3) cf. <http://www.cne-escutismo.pt/Documentos/tabid/2488/Default.aspx>

(4) João Paulo II, 1995, *Evangelium Vitae*

(5) João Paulo II, *Dia Mundial da Paz*, 1999, nº2

(6) *Pacem in Terris*, 9

(7) *Gaudium et Spes*, 17

(8) *Sollicitudo Rei Socialis*, 38

(9) *Catecismo*, nº 1913

(10) João Paulo II, 1979, *Redemptor Hominis*, 16

## Quando rezares A Palavra de Deus, fonte inexaurível de vida

Do Comentário sobre o Diatéssaron, de Santo Efrém, diácono  
(1,18-19:Sch 121,52-53) (Séc.IV)

Que inteligência poderá penetrar uma só de vossas palavras, Senhor? Como sedentos a beber de uma fonte, ali deixamos sempre mais do que aproveitamos. A palavra de Deus, diante das diversas percepções dos discípulos, oferece múltiplas facetas. O Senhor coloriu com muitos tons sua palavra. Assim, quem quiser conhecê-la, pode nela contemplar aquilo que lhe agrada. Nela escondeu inúmeros tesouros, para que neles se enriqueçam todos os que a eles se aplicarem.

A palavra de Deus é a árvore da vida a oferecer-te por todos os lados o fruto abençoado, à semelhança do rochedo fendido no deserto que, por todo lado, jorrou a bebida espiritual. Comiam, diz o Apóstolo, do alimento espiritual e bebiam da bebida espiritual.

Se, portanto, alguém alcançar uma parcela desse tesouro, não pense que este seja o único conteúdo desta palavra, mas considere que encontrou apenas uma porção do muito nela contido. Se só esta parcela esteve a seu alcance, não diga que essa palavra seja pobre e estéril, nem a despreze. Pelo contrário, visto que não pode abraçá-la totalmente, dê graças por sua riqueza. Alegre-te por seres vencido, não te entristeças por te ultrapassar. O sedento enche-se de gozo ao beber e não se aborrece por não poder esgotar a fonte. Vença a fonte a tua sede, mas não vença a tua sede a fonte. Pois, se tua sede se sacia sem que a fonte se esgote, quando estiveres novamente sedento, dela poderás beber. Se, porém, saciada tua sede também se secasse a fonte, tua vitória redundaria em mal.

Dá graças, então, pelo que recebeste. Pelo que ainda restou e transbordou não te entristeças. Aquilo que recebeste e a que chegaste é a tua parte. O que sobrou é tua herança. Se, por fraqueza tua, em uma hora não consegues entender, em outras horas, se perseverares, poderás recebê-lo. Não te esforces, com maligna intenção, por beber de um só trago aquilo que não pode ser tomado de uma vez. Não desistas, por indolência, de tomá-lo aos poucos.





Para lá da cerca

# Educar pelo estilo de vida

Francisco Sarsfield Cabral  
Jornalista

“O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio”. Como educar hoje para estes valores, que fazem parte do artigo 9.º da Lei do Escuta?

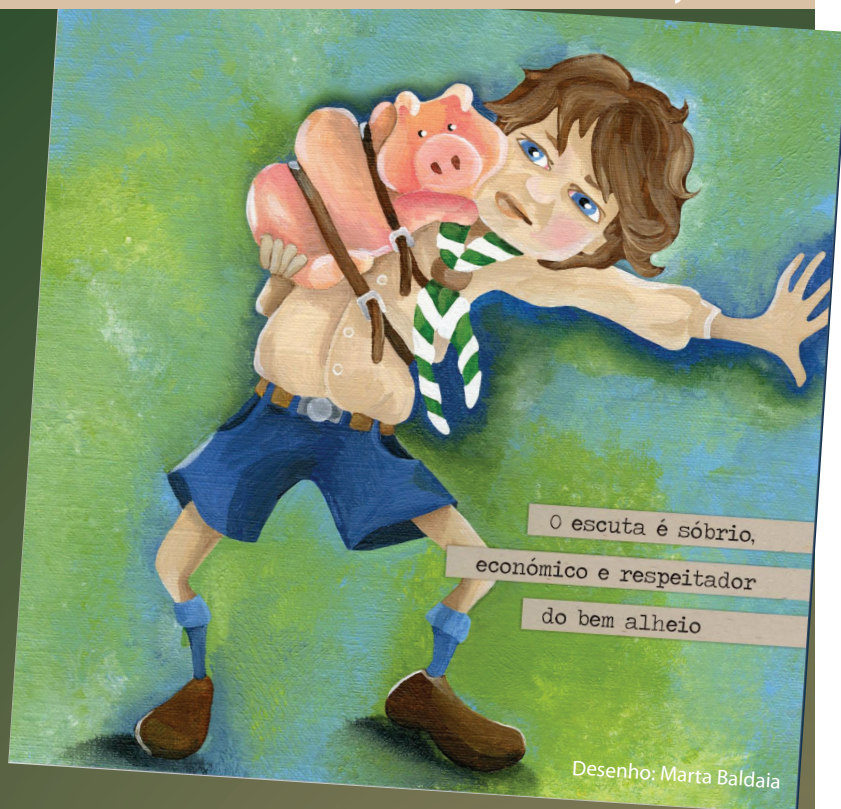
Não tendo particular competência em matéria pedagógica, diria, no entanto, que a educação para os valores se faz com eficácia pelo exemplo, e não tanto através de palavras. É o que a experiência e o simples bom senso aconselham. O discurso sobre os valores não é inútil, decerto, e tem o seu lugar; mas o essencial é que os jovens vejam pessoas que vivem esses valores e por isso estão felizes e sentem-se realizadas.

Ora vivemos nesta altura um período de crise económica que pode suscitar dois tipos de atitude. Uma reacção de amargura e revolta por causa das dificuldades financeiras que nos afectam. Ou uma atitude de tentar ver mais fundo e descobrir aquilo que é realmente importante na nossa vida – e que, regra geral, tem pouco a ver com o dinheiro. A amizade, por exemplo.

Não desvalorizo o dinheiro e muito menos o diabolizo: o dinheiro pode e deve ser um instrumento para melhorar a vida das pessoas, as nossas e sobretudo as dos outros. Mas a importância do dinheiro deve ser colocada na proporção certa. Isto implica ir contra a tendência predominante nos últimos vinte anos de dar prioridade absoluta ao enriquecimento pessoal e de procurar a felicidade no consumismo.

Importa abandonar o fascínio – compreensível, mas nefasto – pelos símbolos sociais de riqueza. É difícil para quem saiu ainda há bem pouco da pobreza e pretende apagar esse passado, assegurando-se de que jamais a ele voltará. Recordo que Portugal era até há pouco o terceiro país europeu com maior número de automóveis por cem habitantes – estando muito longe de ser o terceiro país mais rico da Europa. Algo teria de mudar.

Mas uma coisa é mudarmos porque a isso somos forçados – há menos dinheiro... Outra coisa é aproveitar a crise para uma deliberada e consciente alteração na maneira como encaramos a vida. Isto é, deixarmos de considerar como o mais valioso possuir o último modelo de telemóvel ou as roupas de marca na moda. Importa desco-



brir aquilo que é realmente importante. E passarmos a dar maior atenção ao bem-estar dos outros.

Aliás, uma das contribuições do CNE – Corpo Nacional de Escutas para uma sociedade mais saudável é o incentivo às actividades em grupo. Assim se procura atenuar uma outra tendência da sociedade moderna, o individualismo. No passado, quase toda a gente vivia inserida em comunidades naturais – a aldeia, a família, etc. Com a crescente urbanização, as pessoas vivem em cidades onde frequentemente nem conhecem os vizinhos do prédio onde habitam. E a família, tão justamente prezada pelos jovens, tem vindo a sofrer alguns abalos. Por isso tantos velhos morrem hoje sozinhos em Portugal...

Fazer comunidade, nos tempos actuais, implica um acto de vontade, não um mero resultado do hábito ancestral. As pessoas convivem com quem escolhem. Ora o escutismo oferece aos jovens um magnífico enquadramento colectivo, que não os esmaga, antes faz vir à superfície o melhor de cada um.

A presente crise, além de apelar aos nossos sentimentos de solidariedade em relação aos que passam muito mal, é uma oportunidade para ensaiarmos novos estilos de vida. Novas maneiras de viver informadas, precisamente, pelos valores de sobriedade, poupança e respeito pelos bens alheios que a Lei do Escuta destaca.

Dou grande importância à sobriedade. É que a nossa sociedade de consumo preocupa-se com tanta coisa que, afinal, vale pouco e esquece frequentemente aquilo que deveras interessa, ou deveria interessar. Acresce que o consumismo tem na sua raiz um desejo de parecer, de transmitir aos outros uma imagem, que julgamos positiva, de nós próprios. E certos bens são autênticos símbolos dessa imagem de riqueza económica, aliada a um desejo mais ou menos consciente de nos situarmos num ponto mais elevado da escala social.

Um estilo de vida sóbrio, atento aos outros, significa, assim, uma vida mais autêntica. Deixamos o “ter” (muitas vezes, apenas para “parecer”), e concentramo-nos no “ser”.



## Sentinela III – Avaliar competências

João Costa  
Leopardo guloso

A formação do CNE tem como objetivo a “produção” de dirigentes capazes de aplicar o método escutista em diferentes níveis ou de exercer cargos de gestão a diferentes níveis. Repare-se na importância dos verbos escolhidos: “aplicar” e “exercer”. Pouco interessa a um Movimento como o nosso que se formem dirigentes que conseguem falar ou dissertar sobre o Sistema de Progresso ou sobre o Sistema de Patrulhas, se não forem capazes de o aplicar na sua Unidade, no seu Agrupamento.

Constatar isto não é mais do que verificar que o nosso sistema formativo visa, essencialmente, o desenvolvimento de competências. Recorde-se que, quando se fala de competência, fala-se do “saber em ação”. Ao CNE interessa que os dirigentes “saibam”, apenas na exata medida em que vão fazer esse saber “agir”, através da sua intervenção educativa.

Se formamos para o desenvolvimento de competências, temos de ser capazes de avaliar a eficácia destes mecanismos formativos. Para tal, é necessário que existam instrumentos conformes. Se quero formar para competência, não posso avaliar conhecimentos. Tal seria tão inadequado quanto avaliar a capacidade de conduzir um carro através de um exame de código.

No entanto, esta desconformidade entre fim e instrumento é frequente nos nossos cursos. Formamos para o desempenho de Chefe de Unidade, por exemplo, mas avaliamos o desempenho através de um relatório escrito. Neste relatório escrito, muitas vezes é mais evidente a capacidade de articulação e organização de ideias do que a capacidade de exercer o cargo para que se foi formado. E essa pode ser a base da avaliação... Algo está confuso e trocado.

Para se definir como avaliar competências, é necessário desenvolver alguma consciência do que está envolvido na avaliação de competências e, como tal, se se diferencia a avaliação de conhecimentos e a avaliação de conteúdos. Note-se, primeiro, que nada é mais fácil do que avaliar conhecimentos. Qualquer teste bem construído o faz. Já a avaliação de competências é, pelo menos, mais demorada. Eu

não consigo avaliar competências através de uma observação pontual. Imagine-se que alguém quer avaliar se outro é um cozinheiro competente e vai observá-lo a confeccionar um prato. Esse prato sai fantástico, mas... por acaso é o único prato que o suposto cozinheiro sabe fazer. Poder-se-á concluir que estamos perante um cozinheiro competente? Certamente que não. Estamos perante alguém que sabe cozinhar um único prato, mas não pode ser considerado um cozinheiro competente. Como poderíamos aferir a competência deste cozinheiro? Apenas através de uma observação de várias ocorrências, em contextos diversificados, em que não haja preocupação artificial com o exibir de um feito, mas sim em partilhar a demonstração da capacidade.

Tempo é, portanto, essencial para haver avaliação de competências. Outro aspeto essencial é a criação de instrumentos viáveis para a observação de competências. Enquanto formador, já li várias centenas de relatórios e quanto mais os leio, mais me convenço de que estes não me dizem nada. Por outro lado, passar um dia em campo em conjunto com um formando e a sua unidade, discutir com um Chefe de Agrupamento as soluções que tem vindo a encontrar para gerir conflitos no Agrupamento, observar um formador a animar uma unidade de formação, tudo isto são contextos em que consigo conhecer melhor o formando e vê-lo a pôr o seu saber e capacidades em ação.

Tudo isto converge para uma conclusão: avaliar competências será mais contribuir para a avaliação de percursos do que para a avaliação de cursos. Para tal, é crucial que as equipas formativas sejam criativas na definição dos instrumentos de avaliação. Avaliar será mais observar, discutir e partilhar do que colecionar evidências avulsas e dificilmente interpretáveis. As evidências são importantes para ficar o registo que leva a uma classificação. Mas, como o nosso objetivo é sobretudo transformar práticas, talvez seja mais válida a observação e partilha do que o acumular de registos tantas vezes pouco significativos.

## Naquele tempo...

O Ano da Fé, proclamado por Bento XVI, iniciará em 11 de outubro de 2012, no 50º aniversário de abertura do Concílio Vaticano II, e terminará em 24 de novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do Universo.

"Pareceu-me que fazer coincidir o início do *Ano da Fé* com o cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II poderia ser uma ocasião propícia para compreender que os textos deixados em herança pelos Padres Conciliares, segundo as palavras do Beato João Paulo II, '*não perdem o seu valor nem a sua beleza*'. [...] Quero aqui repetir com veemência as palavras que disse a propósito do Concílio poucos meses depois da minha eleição para Sucessor de Pedro: 'Se o lermos e recebermos guiados por uma justa

hermenêutica, o Concílio pode ser e tornar-se cada vez mais uma grande força para a renovação sempre necessária da Igreja'", escreve Bento XVI na Carta Apostólica divulgada nesta segunda-feira.

Em 11 de Outubro de 2012, além dos 50 anos da convocação do Vaticano II, também se completarão 20 anos da publicação do *Catecismo da Igreja Católica*, texto promulgado pelo Beato Papa João Paulo II. Conforme Bento XVI, este Ano deverá exprimir um esforço generalizado em prol da redescoberta e do estudo dos conteúdos fundamentais da fé, que têm no *Catecismo* a sua síntese sistemática e orgânica.



ANO DA FÉ  
2012 2013

## Naquele tempo...

# Um Acontecimento chamado Concílio Vaticano II

Manuel Morujão, S. J.

Ser Cristão à Luz do Vaticano II, A. O. 1998

### UM ILUSTRE DESCONHECIDO?

Há um marco fundamental na vida da Igreja da segunda metade do século XX: o Concílio Ecuménico Vaticano II. Desde o modo como se celebra a liturgia da Eucaristia ou do Baptismo até à atitude como um cristão deve encarar os grandes problemas do mundo, estamos permanentemente a referir-nos à grande fonte de inspiração da Igreja dos nossos dias: o Concílio Vaticano II. Ignorar o Concílio é voltar as costas à história e ser infiel ao próprio Cristo: «Quem vos ouve a Mim ouve e quem vos rejeita também a Mim rejeita» (Lc 10, 16).

O Papa João Paulo II, acabado de ser eleito, logo na sua 1.ª mensagem, apresentando o programa do seu pontificado, assim se expressa: «Primeiramente, desejamos insistir na permanente importância do Concílio Vaticano II, e é para nós obrigação explícita garantir-lhe a devida execução... Consideramos, por isso, obrigação fundamental promover, com actividade prudente e ao mesmo tempo estimulante, a mais fiel execução das normas e orientações do Concílio» (1978.10.17). No seu original livro *Atravessar o Limiar da Esperança*, João Paulo II apresenta-se como alguém totalmente identificado com os ideais do Concílio, como seu participante activo e aluno, como seu promotor e implementador: «O Concílio Vaticano II foi um grande dom para a Igreja, para todos aqueles que nele tomaram

parte; foi um dom para toda a família humana, um dom para cada um de nós... Um especial dom de Deus».

Gostaria de ser como o doutor da lei que, tornando-se discípulo do Concílio da Igreja dos nossos dias, saberá tirar de tal tesouro coisas novas e velhas (cf. Mt 13, 52). Não será o Concílio, ainda hoje, para a grande maioria dos católicos, um ilustre desconhecido?

### O QUE É UM CONCÍLIO?

Um Concílio é a reunião dos Bispos que presidem ao serviço das várias Igrejas particulares, que se encontram para deliberar, tomar decisões vinculativas e legislar em questões relativas à fé e à vida cristã. A palavra «concílio» significa convocação, congregação, reunião. A base teológica de um Concílio encontra a sua razão na própria estrutura da Igreja que é comunhão (comum-união). Um concílio é a sua máxima expressão como assembleia plenipotenciária dos membros mais qualificados da Igreja, para deliberar e decidir, no Espírito Santo, sobre os meios mais convenientes para a preservação e consolidação da unidade eclesial querida por Cristo e para a promoção da sua vocação de levar a boa nova de Jesus a todos os povos. Como recorda o Concílio do século XX: «O supremo poder sobre a Igreja universal, que este colégio [o colégio dos Bispos] tem, exerce-







-se solenemente no Concílio Ecuménico. Nunca se dá um Concílio Ecuménico sem que seja como tal confirmado ou pelo menos aceite pelo sucessor de Pedro; e é prerrogativa do Romano Pontífice convocar estes Concílios, presidi-los e confirmá-los» (LG 22).

Os Concílios dividem-se em: - gerais ou ecuménicos para a Igreja universal, espalhada pelos 4 cantos do mundo; - e regionais, diocesanos ou particulares, destinados a uma zona geográfica, para uma ou mais Igrejas particulares.

Ao longo de quase dois mil anos da história da Igreja, realizaram-se 21 Concílios Ecuménicos. Têm os nomes dos lugares onde se realizaram: Niceia (2); Constantinopla (4); Éfeso; Calcedónia; Latrão, em Roma (5); Lião (2); Constância; Basileia, Ferrara e Florença; Trento; Vaticano (2).

O Concílio Vaticano I foi convocado pelo Papa Pio IX, mais de três séculos depois do concílio anterior, o de Trento (1545-1563). Nele foram definidos vários pontos doutrinários sobre a fé e a revelação, contra os erros desse tempo e, particularmente, foi definida a infalibilidade do Papa. Realizou-se entre o dia 8 de Dezembro de 1869 e o dia 18 de Julho de 1870, tendo sido interrompido abruptamente sem chegar à conclusão, tendo em conta a guerra franco-prussiana (Bismark) e a invasão dos Estados Pontifícios pelas tropas da unificação de Itália (Garibaldi). O seu encerramento oficial deu-se quase um século depois, pelo Papa João XXIII.

### GERMINAÇÃO DE UMA INESPERADA PRIMAVERA

A 25 de Janeiro de 1959, o Papa João XXIII anunciava a convocação de um concílio ecuménico, na presença dos Cardeais reunidos na Basílica de S. Paulo extramuros. Um concílio a pensar não apenas no «bem estar espiritual do povo cristão», mas também «um convite dirigido às comunidades separadas para a procura da unidade», segundo referia o texto distribuído pela sala de imprensa do Vaticano, explicando o pensamento de João XXIII.

Tratava-se de uma tomada de posição corajosa por um Papa eleito havia apenas três meses, durante um conclave muito breve (25-28 de Outubro de 1958), já com 77 anos, aparentemente como uma solução transitória de compromisso entre as diversas tendências. O seu perfil deixava prever um Papa tradicional, que nada arriscaria para alterar o presente estado das coisas. Felizmente, tais previsões enganaram-se redondamente. João XXIII era sobretudo um Papa com grande abertura ao Espírito Santo, força capaz de renovar a face da terra.

Em contraste com Pio IX, que consultou os Bispos sobre a conveniência da realização de um concílio, João XXIII tomou uma decisão pessoal de convocar o Vaticano II «por uma repentina inspiração de

Deus». Também é certo que, depois, pôs em andamento uma ampla consulta, a começar pelos Bispos de todo o mundo. Um Papa que a opinião pública, por ocasião da sua eleição, condenava a ter que ser um «Papa de transição», devido à sua avançada idade e ao seu carácter, acabou por ser uma feliz surpresa: o profeta que abria os caminhos para a maior vaga de renovação eclesial do século XX e que deu um novo rosto de simpatia e abertura da Igreja para com o mundo.

Já Pio XI, pouco depois da sua eleição, em 1923, procurou pôr em andamento um Concílio, tendo consultado para isso os Bispos de todo o mundo. Igualmente o seu sucessor Pio XII retomou o projecto, tendo nomeado com tal finalidade uma comissão, em 1948. Dificuldades várias impediram que os planos se concretizassem, renunciando definitivamente ao projecto em 1951.

Esquemáticamente, são estes os principais passos das duas etapas da caminhada de preparação do Concílio:

#### Período ante-preparatório (1959-1960):

- Constituição de uma Comissão ante-preparatória, presidida pelo Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Tardini (1959.05.17).
- Consulta por carta (1959.06.18) a todos os Bispos do mundo, Congregações romanas, Gerais de Ordens Religiosas, Universidades Católicas e Faculdades de Teologia, pedindo sugestões e temas para o Concílio. Assim foram consultadas 2812 pessoas, que puderam apresentar, com toda a liberdade, as suas sugestões e observações. As respostas foram praticamente em número de duas mil, tendo respondido 77% dos consultados. Estas foram ordenadas e reduzidas a breves propostas.
- João XXIII publica a Encíclica *Ad Petri cathedram*, dando as primeiras indicações sobre os fins do Concílio (1959.06.29).

#### Período preparatório (1960-1962):

- Criação de 12 Comissões e 3 Secretariados preparatórios do Concílio, pelo *Motu proprio Supremo Dei natu* (1960.06.05).
- O ano de 1961 foi todo absorvido pelo estudo das respostas à consulta feita e pelas reuniões das Comissões. Foram elaborados esquemas de constituições e decretos a propor ao Concílio. Pensavam alguns que iriam ser poupados aos trabalhos de um Concílio, cujo início estava programado para o Outono de 1963, pois o Papa já contava 80 anos.
- Convocação oficial do Concílio, pela Constituição apostólica *Humanae salutis*, do Papa João XXIII, para o ano de 1962

Naquele tempo...

# Um Acontecimento chamado Concílio Vaticano II

(1961.12.25). Como assinatura, põe simplesmente: «João, Bispo da Igreja Católica».

- *Encíclica Paenitentiam agere*, pedindo o bom Papa João orações e sacrifícios a todos os fiéis, pelo feliz êxito do Concílio (1962.07.01).
- Convites dirigidos às diversas confissões cristãs para que enviem «observadores delegados» às sessões do Concílio Vaticano II (1962.07.10).
- Envio aos Bispos de todo o mundo dos primeiros textos disponíveis para que possam estudá-los antes da sua viagem a Roma (Julho-Agosto de 1962).
- Publicação do regulamento do Concílio, pelo *Motu proprio Appropinquante Concilio* (1962.10.05).

Tudo estava preparado para a grande aventura do Concílio. E Jesus Cristo prometeu solenemente estar presente onde dois ou três se reúnem em seu nome (*Mt 18, 20*). Era exactamente o caso. Como o próprio Papa João XXIII afirmou neste período preparatório, o Concílio era «a flor espontânea de uma inesperada primavera» e «um novo Pentecostes». A profecia vai cumprir-se.

## SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO ABERTO AO MUNDO

O título destas linhas é uma tão original quanto feliz definição do Concílio Vaticano II. A expressão é do Papa João Paulo II, no seu livro *Atravessar o Limiar da Esperança*. Assim retrata a sua experiência de bispo participante no passado Concílio. O Espírito Santo falava pela diversidade dos 2860 Padres conciliares, vindos dos cinco continentes, de tão diversos contextos culturais, sociológicos e eclesiais, numa convergência de fundo que a mera diplomacia humana não poderia inventar. O Concílio Vaticano II foi um «seminário do Espírito Santo» aberto ao mundo contemporâneo. Uma escola em que os mais representativos pastores da Igreja se sentaram, para um curso intensivo de evangelização, tendo como professor o próprio Espírito de Deus.

## CONTEXTO HISTÓRICO DO CONCÍLIO

O Concílio Vaticano II, sem dúvida o acontecimento eclesial mais importante do século XX, foi celebrado num momento propício religioso e cultural. A conjuntura mundial era excelente, passados os horrores da Segunda Guerra Mundial. A Europa passava uma fase de grande desenvolvimento.

Era a época da vulgarização da televisão, com forte impacto na cultura e no comportamento das pessoas. Novas nações estavam a nascer, com o processo de descolonização, particularmente em África. O desnível entre o primeiro e o terceiro mundo agravava-se. A sociedade de consumo dava os seus primeiros passos. O mundo rural conhecia um particular movimento de êxodo, emigrando para os grandes aglomerados urbanos, mesmo no estrangeiro.

Os grandes problemas do nosso planeta estiveram bem presentes no Concílio Vaticano II: a fome de uma grande parte da humanidade, a falta de respeito aos mais elementares direitos humanos em

muitos países, a corrida aos armamentos pondo em perigo a segurança dos habitantes do planeta Terra... Particularmente a Constituição pastoral *Gaudium et spes* é um eco e uma resposta aos desafios do mundo contemporâneo. A Igreja tem a clara consciência de não viver numa ilha perdida no meio do oceano, mas inserida no continente dos homens e mulheres do nosso tempo.

A experiência conciliar deu-se quando a Igreja Católica estava em paz, sem heresias ou movimentos controversos que gerassem particulares confusões ou divisões. Como é natural em todas as épocas, havia correntes conservadoras e outras progressistas. Mas a verdade fica enriquecida quando se constrói não de um modo monolítico e unidimensional, mas pela escuta de todos, cada qual com a sua parcela de verdade. Paulo VI chamava a esta abertura, sem complexos e restrições, «o diálogo da salvação» em que a verdade não se promove contra ninguém, mas na caridade para com todos: *construir a verdade na caridade* (*Ef 4, 15*).

O Concílio chegou na hora certa. Apareceu como um fruto maduro, que era necessário colher em favor da renovação da Igreja, ao serviço do mundo em processo rápido de mutações sociais e culturais. Era urgente *apanhar o comboio da história* e seguir em direcção ao futuro.

Teólogos, biblistas, liturgistas e pastoralistas foram como que «João Baptista», precursores da chegada do Concílio. Ninguém poderá esquecer os nomes de teólogos como Henri de Lubac, Jean Daniélou, Yves Congar, M. Chenu, Karl Rahner... que abriram caminhos de renovação em direcção ao Concílio e que foram depois convidados a participar nele como peritos.

## O CONCÍLIO DA CONCILIAÇÃO

Os 20 Concílios Ecuménicos precedentes, desde o Concílio de Niceia, no ano 325, até ao Vaticano I, em 1869-1870, realizaram-se para combater erros e heresias, travando o avanço do mal, atacando doutrinas erradas, a fim de fazer prevalecer verdades dogmáticas da única Igreja de Cristo.

O Concílio do século XX foi, assim, um Concílio «anómalo», como lhe chamou Vittorio Messori, no livro em que entrevista João Paulo II. Um Concílio com um perfil original, de outro estilo, com diferente pedagogia. Não interessava atacar nem defender-se de ninguém. O bom Papa João XXIII foi muito claro nos seus propósitos, ao convocar o Concílio: não haveria condenações, nem sequer do marxismo ou do comunismo. Importava construir pela positiva e não deitar abaixo. Interessava o *aggiornamento*, o pôr em dia a Igreja, a sua renovação e adaptação. O teólogo Gustavo Gutiérrez assim resume os objectivos de João XXIII ao convocar o Concílio:

1. na atenção aos «sinais dos tempos», promover a abertura da Igreja ao mundo moderno, para que fosse inteligível e cativante o anúncio do Evangelho;
2. promover activamente o ecumenismo, facilitando a unidade dos cristãos;
3. solicitude da Igreja pelos mais desfavorecidos. «A Igreja apresenta-se como é e como quer ser, como a Igreja de





todos, em particular como a Igreja dos pobres» (intervenção do Cardeal Lercaro no Concílio).

O Papa Paulo VI, no discurso de inauguração da 2.<sup>a</sup> Sessão conciliar (1963.09.29), apontou 4 metas para o Concílio:

1. aprofundamento da natureza da Igreja;
2. renovação interna da Igreja;
3. procura da unidade de todos os cristãos;
4. diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo.

Em síntese, o tema fundamental a tratar no Concílio deveria ser a Igreja e a sua renovação. Uma semana apenas após ter começado o Concílio, o então Cardeal G. B. Montini, Arcebispo de Milão e futuro Papa Paulo VI, em carta ao Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal A. Cicognani, apontava a falta de um plano «orgânico, ideal e lógico do Concílio» e propunha que «o tema unitário e compreensivo deste Concílio» fosse a Igreja.

O Concílio Vaticano II é profundamente inovador no estilo dialogal, positivo, aberto a todos. As costumadas condenações conciliares, em estilo solene e inapelável, dos erros desse tempo, foram substituídas por afirmações construtivas da verdade da Igreja na caridade para com todos. É um *Concílio conciliador*, no melhor dos sentidos. Como diz João Paulo II, no livro *Atravessar o Limiar da Esperança*, «O Concílio Vaticano II distinguiu-se dos Concílios precedentes pelo seu estilo particular. Não foi um estilo defensivo. Nem sequer uma só vez se encontram, nos documentos conciliares, as palavras *anathema sit* (seja excomungado). Foi um estilo *ecuménico*, caracterizado por uma grande abertura ao diálogo».

O Papa Paulo VI, na homilia na véspera do encerramento do Concílio (1965.12.07), assim traduz a atitude vincadamente construtiva da Igreja frente ao mundo: «Precisamos de reconhecer que este nosso Concílio se deteve mais nos aspectos felizes do homem que nos desditosos. Nisto ele tomou uma atitude claramente optimista. Uma corrente de interesse e de admiração saiu do Concílio sobre o mundo actual. Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardando sempre o preceito do respeito e do amor, foram apenas advertidos do erro. Assim se fez, para que em vez de diagnósticos desalentadores, se dessem remédios cheios de esperança; para que o Concílio falasse ao mundo actual não com presságios funestos, mas com mensagens de esperança e palavras de confiança. Não só respeitou, mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas e, depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços».

Por feliz coincidência, a ampla avenida que conduz à Basílica de S. Pedro chama-se *Via della Conciliazione*, Caminho da Conciliação. Aí teve lugar o Concílio que construiu a ponte do diálogo com a modernidade. Aí se estabeleceu o *laboratório* onde se programou uma Igreja renovada, actualizando a boa nova de Jesus Cristo, para a sua entrada no terceiro milénio.

#### AUTORES, ETAPAS E DOCUMENTOS DO CONCÍLIO DOS NÓS-OS DIAS

#### Tradutores do Concílio precisam-se!

Trinta anos passaram a seguir ao Concílio Vaticano II. Não estará ultrapassada a sua linguagem e doutrina? Para quando o Concílio Vaticano III? E porque não convocar um Concílio longe das metrópoles cristãs do velho continente europeu, nas periferias do super-primeiro mundo, por exemplo, um Concílio Calcutá I, na Índia; um Manaus I, no Brasil; ou um Nairobi I, no Quênia? Quando é que a Igreja se actualiza de verdade ou, melhor ainda, vive a antecipar-se aos tempos presentes?

Perguntar não deve ofender ninguém. É preciso viver com as antenas da inteligência e do coração atentas ao que o «Espírito diz às Igrejas» (Ap 3, 6). Há que evitar, como pecados contra o Espírito Santo da criatividade e da fortaleza, o que seja instalação, imobilismo e estagnação anti-evolução para melhor. Por outro lado, importa ser realista e, em nome de um futuro cheio de promessas, não descuidar fazer o possível por melhorar a realidade do presente.

Julgo que as limitações fundamentais do Concílio Vaticano II não se situam no facto de ele estar ultrapassado. Ao abrir as suas páginas, parece-me que descubro sempre coisas novas, com mensagens cheias de actualidade. O que me parece ser a grande falha em relação ao Concílio Vaticano II é que falta ainda muito para pôr em prática. Os belos *rascunhos* de cada documento conciliar ainda não foram, em grande parte, *copiados a limpo*. Há ainda muita riqueza a explorar, muita doutrina a assimilar, muita inspiração e linhas de acção a implementar.

Em diversos discursos do Ano Santo de 1975, à distância de dez anos do encerramento do Concílio, o Papa Paulo VI sublinhou que o seu objectivo era «fazer descer a renovação conciliar às mentalidades e às vidas». Segundo ele, a chuva fecundante do Vaticano II ainda não tinha penetrado senão numa pequena percentagem da Igreja. Ou seja, há necessidade de *tradutores* dos diversos documentos do Concílio. *Tradutores* da letra e mais ainda do espírito. *Tradutores* para a língua da vida real, dando corpo e alma ao manancial de doutrina conciliar.

O Papa João Paulo II assim afirma: «Cada ministro [servidor] do Evangelho deveria dar graças ao Espírito Santo pelo dom do Concílio e sentir-se constantemente seu devedor. E para que esta dívida fique paga são necessários muitos anos ainda e muitas gerações». Cumpre-nos ir pagando tão proveitosa dívida, pelo estudo, reflexão e prática dos documentos conciliares.

#### AUTORES DO CONCÍLIO

O Autor fundamental, com letras superlativamente maiúsculas, é o Espírito Santo. Não é uma expressão de retórica, mas a constatação dos factos, analisados com os olhos da fé, que vêm para além das aparências. Baste recordar as percentagens das votações finais de cada um dos 16 documentos conciliares. Tendo votado cada documento, como média, 2258 bispos, a média dos «placet» (*sim, concordo*) foi de 98,5%. A média dos «non lacet» (*não agrada*) juntamente com os votos nulos não ultrapassou 1,5% dos votantes.

Naquele tempo...

# Um Acontecimento chamado Concílio Vaticano II

Tendo em conta a diversidade de Bispos participantes (zona geográfica, cultura, idade, modos de ser tradicionalista ou progressista, etc.), tão grande unanimidade apresenta-se como um prodigioso sinal da vinda do Espírito Santo sobre os sucessores dos Apóstolos. Apesar da variedade de *línguas*, a *tradução simultânea* do Espírito Santo facilitou a compreensão geral (cf. Act 2). Com razão, o *bom Papa João* chamou ao Concílio Vaticano II «um novo Pentecostes». João Paulo II aponta na mesma direcção: «Sim, o Concílio teve em si algo do Pentecostes: dirigiu o episcopado de todo o mundo e, portanto, a Igreja, precisamente pelos caminhos ao longo dos quais devia avançar no fim do segundo milénio».

Entre os autores do Vaticano II, que o foram todos os Bispos, há que sublinhar duas personalidades. Em primeiro lugar, a figura carismática do Papa João XXIII, que o convocou e pôs em andamento. Ele é «o Papa do Concílio», segundo a expressão do Cardeal A. Bea. Para além disto, marcou o tom do Concílio: abertura dialogante com o mundo; ecumenismo sem fronteiras; renovação da Igreja. O Papa Paulo VI, figura já proeminente nas intervenções da primeira etapa conciliar, como Arcebispo de Milão e Cardeal G. B. Montini, foi o grande continuador do Concílio (3 das 4 etapas foram presididas por ele) e ainda mais o que, com mão firme, orientou o barco da Igreja pelos mares nada fáceis da execução do Vaticano.

No Concílio de Trento (1545-1563), os Padres conciliares foram 258. O Concílio Vaticano I (1869-1870) reuniu 750 participantes, dos quais 200 eram italianos, não tendo participado nenhum bispo de côr. O Concílio Vaticano II (1962-1965), a partir da segunda sessão, reuniu 2860 Padres conciliares, provenientes de 141 países, dos quais mais de cem do continente africano.

Pela primeira vez na história, inovando a tradição secular da Igreja, foi dada a voz aos mais variados representantes de tão diversos povos e tradições eclesiais. Um verdadeiro concílio ecuménico, católico, universal. Participaram ainda 480 «peritos conciliares», importantes figuras de teólogos que deram o seu apoio aos Padres conciliares. Estiveram também presentes no Concílio 58 auditores e auditoras (religiosos e leigos) e 101 observadores não-católicos.

Com razão o Papa Paulo VI, na Carta apostólica *In Spiritu Sancto*, em que o declara encerrado, confirma e recomenda o cumprimento do Concílio (1965.12.08), assim afirma: «Foi o maior Concílio pelo número de Padres, vindos de todas as partes da terra, mesmo daquelas onde só há pouco foi constituída a hierarquia; foi o mais rico pelos temas que, durante quatro sessões, foram tratados com empenho e perfeição; foi o mais oportuno, enfim, porque tendo em conta as necessidades dos nossos dias, atendeu sobretudo às necessidades pastorais e, alimentando a chama da caridade, esforçou-se grandemente por atingir com afecto fraterno não só os cristãos ainda separados da comunhão da Sé Apostólica, mas até a inteira família

humana». Por isso, crescente que «deve ser contado, sem dúvida, entre os maiores acontecimentos da Igreja».

## ETAPAS DO CONCÍLIO

Os trabalhos do Concílio Vaticano II desenrolaram-se entre 1962 e 1965, em 4 sessões ou etapas:

- **1.ª sessão conciliar:** de 11 de Outubro a 8 de Dezembro de 1962. Constituição de comissões e discussão de alguns documentos. Entretanto, morre o Papa João XXIII (1963.06.03) e é eleito o Papa Paulo VI (1963.06.21).
- **2.ª sessão:** de 29 de Setembro a 4 de Dezembro de 1963. Discussão de alguns esquemas. Clausura com a promulgação da Constituição sobre a Liturgia. Paulo VI visita a Terra Santa e encontra-se com o Patriarca Atenágoras (1964.01.04-06).
- **3.ª sessão:** de 14 de Setembro a 21 de Novembro de 1964. Discussão de textos preparatórios de documentos. Promulgação da Constituição sobre a Igreja e dos Decretos sobre o Ecumenismo e as Igrejas Orientais. No encerramento, Paulo VI proclama «Maria, Mãe da Igreja».
- **4.ª sessão:** de 14 de Setembro a 8 de Dezembro de 1965. Instituição do Sínodo dos Bispos (1965.09.15). Viagem de Paulo VI à sede das Nações Unidas, em Nova Iorque (1965.10.04-05). Aprovação e promulgação dos restantes documentos.

## DOCUMENTOS CONCILIARES

O Concílio Vaticano II preparou, aprovou e promulgou os seguintes documentos:

- **4 CONSTITUIÇÕES** (textos de carácter mais permanente; textos-base ou de fundo):
  - *Sacrosanctum Concilium* (SC) - Constituição sobre a Sagrada Liturgia (1963.12.04);
  - *Lumen gentium* (LG) - Constituição dogmática sobre a Santa Igreja (1964.11.22);
  - *Dei Verbum* (DV) - Constituição dogmática sobre a Revelação Divina (1965.11.18);
  - *Gaudium et spes* (GS) - Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual (1965.12.07).





- **9 DECRETOS** (textos de valor prático, imediato):
  - *Inter mirifica (IM)* - Decreto sobre os meios de comunicação social (1963.12.04);
  - *Orientalium Ecclesiarum (OE)* - Decreto sobre as Igrejas Orientais (1964.11.21);
  - *Unitatis redintegratio (UR)* - Decreto sobre o Ecumenismo (1964.11.21);
  - *Christus Dominus (CD)* - Decreto sobre o ofício pastoral dos Bispos (1965.11.28);
  - *Perfectae caritatis (PC)* - Decreto sobre a renovação da Vida Religiosa (1965.11.28);
  - *Optatam totius (OT)* - Decreto sobre a Formação Sacerdotal (1965.11.28);
  - *Apostolicam actuositatem (AA)* - Decreto sobre o Apostolado dos Leigos (1965.11.18);
  - *Ad gentes (AG)* - Decreto sobre a actividade missionária da Igreja (1965.12.07);
  - *Presbyterorum ordinis (PO)* - Decreto sobre o ministério e a vida dos Sacerdotes (1965.12.07).
- **3 DECLARAÇÕES** (textos de sensibilização ou tomada de consciência):
  - *Gravissimum educationis (GE)* - Declaração sobre a educação cristã (1965.10.28);
  - *Nostra aetate (NA)* - Declaração sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs (1965.10.28);
  - *Dignitatis humanae (DH)* - Declaração sobre a liberdade religiosa (1965.12.07).



# Naquele tempo...

## Concílio Vaticano II ontem e hoje:

### leitura de Marcelo Rebelo de Sousa



ANO DA FÉ  
2012-2013

Marcelo Rebelo de Sousa

In Vaticano II, 50 anos, 50 olhares, ed. Paulus

Recordar o Concílio Vaticano II – ou, mais rigorosamente, II Vaticano – é recordar, antes de tudo o mais, um mundo a entrar na década alucinante de 60, com Kennedy, Luther King, a tensão em Cuba, o afastamento sino-soviético, as descolonizações, a emergência do Terceiro Mundo, o crescendo da televisão e do turismo, as sagas da igualdade racial e da libertação da mulher, os debates europeus sobre os marxismos e o cristianismo, o início da autonomização da juventude como categoria social, a crise na família ampla e na escola, os utopismos voluntaristas e cada vez mais radicais de gerações que começaram por ser sobretudo de filhos de família ou privilegiados contestando o *statu quo* para se converterem em processo de democratização escolar e social.

É, ainda, recordar Portugal em ditadura quase terminal, com a abertura da primeira de três frentes militares em África, o encetar de uma emigração de um décimo da população para a Europa e migrações internas para o litoral, em particular para a futura área metropolitana de Lisboa, desertificando o interior profundo, desestruturando comunidades e famílias, desenraizando ou, pelo menos, criando ruturas de vida em dezenas de milhares de recém-chegados ou quase chegados ao que se considerava a idade adulta.

É, ainda, recordar, na minha experiência pessoal, o somatório de estudante com 13 anos, a iniciar o 2.º ciclo dos liceus, no Pedro Nunes, em Lisboa, dirigente da JEC, num tempo que seria o derradeiro da Ação Católica em meio escolar, já que, na viragem para os anos 70, dela já não restaria grande traço, pelo menos na universidade. No entanto, em 1962, parecia pletórica de energia, haveria de organizar o inesquecível Grande Encontro da Juventude, e estávamos longe de imaginar a rapidez dos acontecimentos subsequentes.

Quando muito, parecia-nos evidente que a longa, mesmo se não incondicional, ligação entre a Igreja Católica e o Salazarismo tinha os dias contados, como tinham o ritmo, o estilo e até diversas prioridades pastorais na diocese que era a nossa.

Recordar o Concílio, neste contexto, é, aos 13 anos, evocar a emoção de um choque vital para os católicos, chamados a balanços, a reflexões, a revisões de vida, a novos olhares sobre um mundo largamente novo, com novos desafios.

Primeiro e mais imediato repto – o da mudança na liturgia. Aluno que seria de Latim, até conseguia acompanhar bem as celebrações em latim. Mas, o vernáculo, a simplificação formal, a nova postura perante as assembleias de fiéis traziam uma preocupação não apenas pedagógica como de redefinição do que era a Igreja e do papel que nela deveriam assumir os leigos. *Sacrosanctum concilium*.

Segundo desafio – o da visão da Igreja como coisa também nossa, dos leigos, como Povo de Deus caminhando por esta vida terrena em direção à eternidade, à plenitude dos tempos. Era, para muitos, uma “revolução” mais profunda do que a mudança nos ritos. Para mim, foi uma motivação brutal no empenhamento na Ação Católica, nas ações vicentinas, nos contactos com a comunidade envolvente. *Lumen gentium*. E, também, sobre o papel dos leigos, *Apostolicam actuositatem*.

Terceiro apelo – o da abertura ao mundo – *Gaudium et spes* –, não para se dissolver nesse mundo, mas para o entender e melhor agir nele e com ele. Em todas as facetas, da social à económica, à política, à cultural. Isto, que hoje se afigura uma realidade menor ou óbvia – e que não o é, como o testemunha a necessidade de Nova Evangelização em sociedades outrora sensíveis à mensagem cristã –, era uma novidade maior num Portugal fechado, controlado, atabafado, a fingir que não percebia as ruturas em esboço ou já em curso. Sempre com a visão missionária – *Ad gentes*.

Quarta vertente relevante – a do diálogo com a Ciência, com a Razão, essencial perante formulações científicas e tecnológicas muito diversas e muito desafiantes para a Fé e para a Moral cristãs. Para a minha “deformação” racionalizante, esta vertente era particularmente importante.

Quinta dimensão – a do diálogo ecuménico, assinalado por inúmeros gestos que rompiam com a cartilha da minha meninice, indo da condenação do povo judeu até à oração pelos irmãos desviacionistas dentro do Cristianismo, como que considerados umas almas perdidas, pelas quais se pedia em jeito de sobranceira comiseração. *Unitatis redintegratio*, *Orientalium ecclesiarum* e *Nostra aetate*.

Sexta e não menos significativa expressão – a mensagem de Alegria e de Esperança, que recobria este repensar e reviver da nossa Fé, num turbilhão de anos, que duraria o Concílio e coincidiria com o agravamento das tensões e das exigências de construção de um Portugal novo e de uma nova pastoral da nossa Igreja perante esse Portugal. Permanentemente fiéis à Divina Revelação – *Dei Verbum* –, mas atentos a novas pistas educativas e comunicacionais – *Gravissimum educationis* e *Inter mirifica*. No estrito respeito da liberdade religiosa de cada qual – *Dignitatis humanae*.

Foram muitas sensações, muitas reflexões, muitas orações, muitas esperanças, muitas querelas com mais velhos ou entre mais novos – tudo vivido entre o meu 3.º ano liceal e a entrada na universidade. E que marcaram, para sempre, a minha vida de cristão.





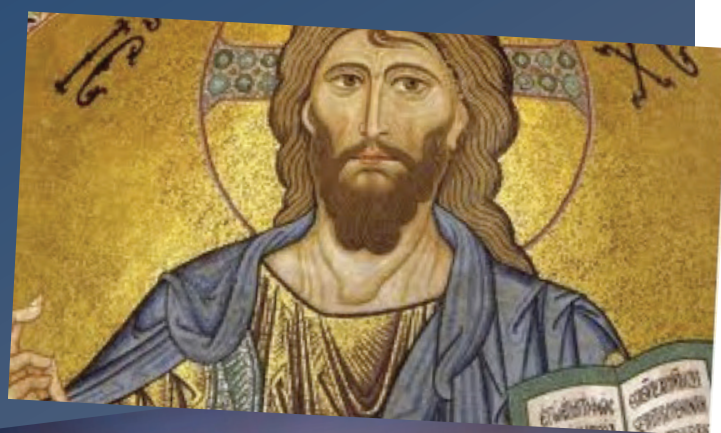
Bastantes dos meus companheiros de percurso espiritual nunca se ajustaram à mensagem conciliar, aceitaram-na porque tinha de ser, e, na primeira esquina da História, regressaram a um misto de pré-conciliar suavemente adaptado.

Outros, a maioria, consideraram curta a mudança na Igreja portuguesa, ou lenta, ou, então, que fez mudanças de vida ou de atuação que a levou a afastar-se da vivência comunitária, ficando, embora, uma parte importante, no que eu chamo cristãos sem rótulo, com os mesmos princípios e um traço conciliar evidente, mas sem aceitação de uma partilha assumida de Fé em Igreja. Terceiros, vivem a sua Fé a sós, num estilo que se foi ampliando na sociedade portuguesa.

Mas alguns – e, felizmente, não poucos – tentamos não confundir cabeçadas na vida com perda de Fé, nem ficar com saudosismos de uma Igreja pré-conciliar, nem ser sensíveis à ideia de grupos de eleitos que curam da sua salvação já que o mundo parece apostado na alegada volúpia da perdição, nem aderir às teses do fim da História – das marxistas às neoliberais –, nem nos satisfazemos com o neoluminismo relativista.

Continuamos na senda do Concílio, sem fixismos retro, nem ilusões de que apenas uma leitura é possível da e na nossa Fé. Atentos aos sinais dos tempos, ecuménicos, sociais, participativos. Em conjunto com cristãos com outras maneiras de encarar a Fé, que não há dois caminhos iguais nesse particular. Falhando mais do que acertando, que o cristão é tão imperfeito como o mais imperfeito dos humanos. Mas recomeçando cada dia.

Com gáudio e esperança, sobretudo com Caridade, essa constante primeira da Fé Cristã, que o Concílio não esqueceu nem apagou, antes enriqueceu com a preocupação de melhor saber em que mundo se vive sem se viver só dele e para ele e como falar para ele e atuar com ele. Numa tensão criativa que começa e acaba sob a permanente crença da inspiração divina na nossa descoberta e construção da eternidade, da eternidade que há de vir e da eternidade que é possível que venha já no decorrer da presente caminhada terrena.



## Bibliografia

# Histórias para Dinamizar Reuniões

Volney J. Berkenbrock

Editora Vozes

Fernando Andrade  
Lobo malhado

Uma vez mais estamos sentados defronte do monitor e teclado do computador, abrimos os nossos emails: "Oh, não pode ser, mais uma convocatória para uma reunião!". Quantas vezes já pensamos assim?

Estou certo que todos nós já pensamos que quanto mais estamos embrenhados mais reuniões temos. E algumas têm tanto de chato como de inúteis, mas enfim é esta a nossa vida, pensamos nós!

Mas não tem que ser assim. Não, não vamos aqui, neste espaço, discernir sobre a realização de reuniões. Vamos, em alternativa, propor um antídoto para que a "reunite crónica" não seja encarada como tediosa e chata.

Apresentamos aqui um livro que nos sugere al-

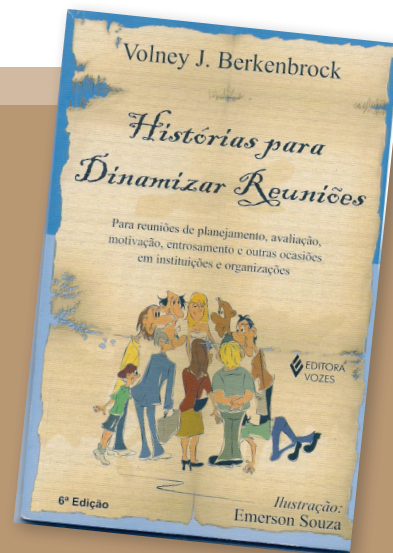
ternativas às tais reuniões menos interessantes.

O livro chama-se "Histórias para Dinamizar Reuniões" de Volney J. Berkenbrock da Editora Vozes. Embora nos apresente uma linguagem abrandada é perfeitamente compreensível.

Ao longo do livro podemos ler 30 histórias que concluem com a sugestão das abordagens temáticas para as quais poderão ser usadas. Abrangem vertentes ligadas ao planeamento, avaliação, motivação e entrosamento.

Embora as histórias apresentadas se percebam que foram feitas para o âmbito empresarial, não deixam de ser úteis para uso numa associação como a nossa e também um ótimo recurso para determinadas ações de formação.

Aqui fica um pequeno exemplo de uma história:



"Todos conhecem os cangurus. Se não os conhecem de ver diretamente, todos já os viram pela televisão. Há uma coisa interessante nestes animais: eles não fazem nenhum som. É isto mesmo, os cangurus não latem, não miam, não mugem nem rugem. São totalmente mudos. Outra característica lhe é interessante: eles conseguem se locomover usando somente duas patas, o que não é tão comum entre os mamíferos. Mas porquê os cangurus não soltam sons e andam sobre duas patas?"

Queres saber o resto? Lê o livro.

Goodyear NEWS

## Excertos...

Na edição nº 10 desta newsletter foi publicado um excerto que tinha por objetivo despertar a tua atenção. Acreditamos que não foi difícil encontrar a resposta para aqueles que a procuraram:

Abbé Pierre, Fraternidade, Notícias Editorial, Coleção Religiões, 1999

Goodyear NEWS

## Oportunidades de Formação ENCONTRO "Presente no Futuro - Os Portugueses em 2030"



Um Encontro de reflexão sobre os portugueses que somos e os portugueses que queremos ser.

60 oradores - 4 grandes temas decisivos para os próximos anos: O envelhecimento e conflito de gerações; as famílias, trabalho e fecundidade; as desigualdades: povoamento e recursos; fluxos populacionais e projectos de futuro.

O que podemos fazer para mudar o curso de algumas tendências? Que inquietações e sonhos temos para 2030?

[www.presentenofuturo.pt](http://www.presentenofuturo.pt)



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS  
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos  
Adultos

[www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

## Goodyear NEWS

### Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,  
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.  
Design gráfico: Pedro Botelho

### Colaboraram nesta edição:

Carlos Nobre (Região do Porto)  
Fernando Andrade (Região do Porto)  
João Costa (Região de Setúbal)  
Matilde Santos (Região do Porto)  
E a participação especial de Francisco Sarsfield Cabral



[goodyear@cne-escutismo.pt](mailto:goodyear@cne-escutismo.pt)